



Duarte Trigueiros
Professor catedrático

Devia proibir-se, nos mercados, tudo o que não fosse expressamente autorizado

Crise económica e Ciência Económica

A crise, que começou por ser um longínquo pânico entre banqueiros apanhados nas suas próprias malhas, desceu à terra, onde destruiu milhões de empregos; e está a atingir o dia a dia de todos, mesmo daqueles que até hoje tiveram a sorte de manterem o sustento.

Tinha de ser assim? Respondem-nos que houve egoísmo, desprezo pelo risco, ganância. O que não nos dizem é que esse egoísmo e essa ganância resultaram da aplicação de velhos mitos, errados e perigosos, mas que muitos economistas continuam a propalar.

Um desses mitos diz que

se cada pessoa só olhar aos seus interesses, o resultado é riqueza para todos. Outro diz que é impossível contrariar os preços do mercado: o que o mercado ditar, não se discute. A ciência económica tem sido uma base concetual para o egoísmo e para a ganância sem freios. Muitos já o disseram e vão continuar a dizê-lo sem que os economistas prestem atenção. E nem a crise atual os fez refletir sobre os caminhos tortuosos por onde nos conduzem.

Foi Paul Samuelson quem, há uns 60 anos, criou as ferramentas analíticas hoje usadas pelos economistas. Essas ferramentas, por

sua vez, deram uma falsa respeitabilidade matemática aos tais velhos mitos. Foi também Samuelson quem escavou o fosso que hoje separa a Economia das restantes Ciências Sociais. Num dos lados desse fosso, o homem é visto como uma abstração matemática: um indivíduo racional e frio, apenas preocupado em maximizar a sua riqueza. No outro, ele é estudado como um todo complexo, capaz de paixões ou de actos refletidos, de egoísmo ou de generosidade. Capaz até mesmo de indiferença perante as riquezas.

É esse fosso, é o facto de nenhuma das partes aceitar

as ferramentas e os métodos da outra, que está na origem da crise económica actual. Veja-se a noção de risco dos mercados, onde os economistas se limitam a descrever o que se pode pôr em equação: o risco médio, o retorno médio. Ora o risco que realmente importa não é uma média. É aquele que hoje sentimos na pele: o risco do descalabro repentino. Mas, desse, a ciência económica tem pouco a dizer porque a confiança ou o pânico dos investidores não cabem em equações. E como não cabem, fez-se de conta que não existem.

A elegância analítica dos raciocínios matemáticos,

quando usada sozinha; deixa de fora a realidade. Apesar de tantos economistas, desde os tempos de Herbert Simon até hoje, reconhecerem esse facto, os mercados continuam a ser governados por equações: tudo o que a matemática permitir está autorizado.

Devia ser ao contrário. Devia proibir-se, nos mercados, tudo o que não fosse expressamente autorizado. As bombas atómicas também são governadas por equações. Mas ninguém se lembra de as deixar entregues a si mesmas, como se deixam hoje os mercados. E os físicos, ao menos, sabem explicar porque razão uma bomba explode.